

Atena
Editora
Ano 2019

Música, Filosofia e Educação 3

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Solange Aparecida de Souza Monteiro

(Organizadora)

Música, Filosofia e Educação 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © da Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
---	--

M987	Música, filosofia e educação 3 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Música, Filosofia e Educação; v. 3)
------	--

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7247-106-0
DOI 10.22533/at.ed.060190402

1. Música – Filosofia e estética. 2. Música – Instrução e estudo.
I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 780.77

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

“Música”, como obra musical, possui também multidimensionalidade, pois é constituída pelo dinâmico inter-relacionamento entre a tradição composicional e a tradição interpretativa. Inclui-se, nessa dinâmica, a audiência e a crítica musical. A obra de arte musical não é apenas o seu registro gráfico (a partitura, por exemplo). A obra de arte musical tem: a dimensão da composição, um design sonoro particular, projetado pelo compositor; a dimensão execução-interpretação, representada pela tradição interpretativa; a dimensão prático-específica, compartilhada pela tradição da prática musical é a execução de padrões musicais organizados por uma ação artística, um design sonoro, que revela costumes e tradições de uma prática, e seus respectivos comprometimentos ideológicos. Dessa forma, MÚSICA (a prática humana), Música (as manifestações contextuais de MÚSICA) e música (as obras de arte) são dimensões de uma mesma atividade, do que se depreende que o fazer musical este fazer não é simplesmente um ato mecânico, mas um pensar em ação, a centralidade da educação do sentimento e da sensibilidade estética valorizava demais o conhecimento verbal sobre música, tendo uma atitude passiva de contemplação e de descrição da música. A Arte faz relação com o real e por isso nos afeta de forma arrebatadora, nos transportando a lugares e momentos onde podemos ser o que quisermos ser. A obra de arte é singular, pois distinta de experiência sensível a experiências sensível que se dá em cada um de nós. Eis o mistério da arte, seja ela a música, a poesia, a imagem, a arte visual, entre outras. Toda essa multiplicidade de formas de arte nos convida a nos experimentar, atravessando como uma lança em nós, provocando rupturas, desvios. Assim, ficamos em estado de “redenção reflexiva”. Nietzsche quando afirma ser a “arte trágica” uma fusão entre a ordem e o caos que não se compromete com a linearidade, mas sim com a expressão da nossa natureza, que é feita de multiplicidades. Por essa razão, a arte provoca por meio de suas formas, por analogia, uma multiplicidade de reações dos seus ouvintes e espectadores. A criança, por sua vez, expõe sua natureza liberta de julgamentos de valor. Segundo Freud (1997, p. 22): “A vida tal como a encontramos, é árdua demais para nós; proporciona-nos muitos sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis. A fim de suportá-la, não podemos dispensar as medidas paliativas”. Essas se referem tanto às diferentes instituições, de caráter associativo, político, educativo, econômico, religioso que o ser humano inventa como possibilidade de diminuir os sofrimentos que provêm do “próprio corpo” e “do mundo externo”, como dos “relacionamentos com os outros homens” (FREUD, 1997).

No artigo PESQUISA E PRÁTICA EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UNINDO HUMANIZAÇÃO E IDENTIDADE, as autoras Mariana Barbosa Ament, Natália Búrigo Severino buscou compreender maneiras de possibilitar aos licenciandos uma formação alicerçada nos pressupostos da educação libertadora, humanizadora por meio de uma pesquisa-ação. Já a segunda pesquisa, publicada em 2015, por meio de conversas e entrevistas, buscou compreender, com licenciados em Música, quais as aprendizagens

mais significativas da participação e vivência no programa de modo a refletir sobre como essa experiência auxiliou na construção de suas identidades profissionais. No artigo **PRÁTICA E ENSINO EM EDUCAÇÃO MUSICAL: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO ATRELADO À EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E SEU PROCESSO** os autores **Natália Búrigo e Rômulo Ferreira Dias** trazem um relato da vivência desta disciplina, contextualizando sua dinâmica em sala, sua inserção na extensão e apresenta como alternativa para a avaliação da participação dos alunos, o portfólio. No artigo **Práticas musicais do cotidiano na Iniciação científica: diários de pesquisa em ambientes religiosos cristãos, os autores Ana Lúcia Louro e André Reck** Relatam uma pesquisa de Iniciação Científica, a partir da perspectiva da valorização dos conhecimentos cotidianos na formação de professores de música. No artigo **PROJETO A ESCOLA VAI À ÓPERA: O “OUVIR MÚSICA” DOS ALUNOS DO EDUCANDÁRIO GONÇALVES DE ARAÚJO, as autoras Ana Claudia dos Santos da Silva Reis e Maria José Chevitarese de Souza Lima** relatam a avaliação da experiência musical vivenciada por alunos do Educandário Gonçalves de Araújo através da participação no projeto “A escola vai à ópera”.

No artigo **Quais os nossos deveres em relação às gerações futuras? What are our duties towards future generations?** O autor **Luís Manuel Cabrita Pais Homemensaio** visa responder à questão do dever sobre as gerações futuras a partir da condição de ouvinte (acousmata) sobre a indagação de Gustav Mahler “O que me dizem as crianças?” (mote do último andamento da Sinfonia n.º 4, sonante com A Canção das Crianças Mortas, A Canção da Terra e a Sinfonia n.º 9, especialmente o primeiro andamento). No artigo **Reflexões sobre a Educação na sociedade atual** a autora **Eliete Vasconcelos Gonçalves** Analisar a relação que a escola tem com o significado de educação em seu sentido atual e compreender os motivos que levaram ao modo de formação fragmentada que temos vivenciado atualmente em nosso sistema educacional. No artigo **UM ESTUDO SOBRE MOTIVAÇÃO DE CRIANÇAS EM AULAS DE INSTRUMENTOS MÚSICAIS SOB A PERSPECTIVA DA TEORIA DO FLUXO**, as autoras **Célia Regina Vieira de Albuquerque Banzoli e Rosane Cardoso de Araújo**, buscam verificar a interligação da motivação nas atividades de aulas de instrumentos musicais coletivas, com crianças de 08 a 11 anos, e a Teoria do Fluxo de Csikszentmihalyi (1999). No artigo **UM MODELO DE SOFTWARE PARA A APRENDIZAGEM À DISTÂNCIA DE EXPRESSIVIDADE MUSICAL IDIOMÁTICA NO JAZZ**, os autores **Endre Solti e José Fornari** propõem a criação de um aplicativo para dispositivos móveis (app) para o ensino da expressividade musical idiomática a distância na guitarra elétrica ou violão, baseado em estratégias de aprendizagem da língua falada e escrita. No artigo **UMA INTERSECÇÃO ENTRE HERMENÊUTICA, PEDAGOGIA, E ÉCFRASE: NOTAS DE PROGRAMA**, o autor **Marcos Krieger** A expectativa de um texto que auxilie o ouvinte a entrar na experiência estética numa sala de concertos já é uma tradição com mais de duzentos anos. No artigo **VERA JANACOPULOS – A CANTORA E SUA ARTE**, a autora **Anne Meyer** visa apresentar as práticas vocais e

interpretativas utilizadas pela cantora brasileira Vera Janacopulos, reconhecida por renomados músicos da primeira metade do século XX, por seu alto grau de excelência na execução do repertório merístico deste período, de modo a subsidiar cantores em suas performances de concerto. No artigo **VILÉM FLUSSER, JAIR RODRIGUES E A MÚSICA COMO METÁFORA** VILÉM FLUSSER, JAIR RODRIGUES AND MUSIC AS METAPHOR, a autora Marta Castello Branco, busca refletir o caráter geral da obra de Flusser sobre música, onde aspectos de sua biografia, somados à associação a alguns de seus temas fundamentais como a língua ou as novas mídias, fazem com que a música ganhe um caráter de metáfora, acompanhando e esclarecendo o sentido do pensamento geral de Flusser. No artigo **O ENSINO DE SAMBA-REGGAE BASEADO NA TEORIA ESPIRAL DO DESENVOLVIMENTO MUSICAL DE SWANWICK E TILLMAN**, do autor Alexandre Siles Vargas, busca relacionar o ensino do Samba-Reggae com as dimensões da crítica musical: Material, Expressão, Forma e Valor da referida Teoria. No artigo **O ENSINO-APRENDIZAGEM DE ELEMENTOS CONSTITUINTES DA MÚSICA: A VIVÊNCIA DE HISTÓRIAS COMO RECURSO**, Lúcia Jacinta da Silva Backes, busca-se construir uma teoria vivencial da música, envolvendo uma narrativa literária, confecção de materiais e a prática/vivência dessa narrativa em forma de dramatização para aprender teoria musical. No artigo **O processo de transcrição para canto e violão da Ária (Cantilena) da Bachianas Brasileiras nº 5 de Heitor Villa-Lobos**, realizado pelo próprio compositor, o autor Thiago de Campos Kreutz aborda a transcrição para canto e violão da Ária (Cantilena) da Bachianas Brasileiras n.5 de Heitor Villa-Lobos, originalmente escrita para soprano e octeto de violoncelos. No artigo **O RITMO ALÉM DA REGRA E O CONCEITO DE TIME LINE EM GRAMANI**, os autores Bianca Thomaz Ribeiro e Luiz Henrique Fiaminghi, apresentam a rítmica de José Eduardo Gramani em uma perspectiva semântica que vai além da métrica e utiliza os ostinatos não como tempo marcado, mas como tempo moldado. No artigo **O USO DO GNU SOLFEGE COMO ELEMENTO FACILITADOR DA PERCEPÇÃO MUSICAL** - um olhar tecnológico aplicado à educação musical na escola pública brasileira o autor Luiz Espindola de Carvalho Junior, busca analisar a utilização de software livre para o ensino musical, com atenção concentrada na relação ensino-aprendizagem do solfejo na escola pública brasileira. No artigo **PERFORMANCE VOCAL: INTERPRETAÇÃO E CORPO EM INTER-RELAÇÃO** os autores Daniele Brigunte e Flávio Apro aborda a performance vocal, destacando o corpo do cantor como recurso técnico e expressivo. Ressalta, ainda, a relação entre o gesto corporal do cantor e a estrutura formal da obra executada. O artigo **PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS PARA O ENSINO DE MÚSICA E SUA APLICABILIDADE NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA BRASILEIRA: UM ESTUDO COM ALUNOS DA REDE PÚBLICA DE ENSINO EM CUIABÁ**, as autoras Vivianne Aparecida Lopes e Taís Helena Palhares discute questões inerentes à utilização de diferentes perspectivas metodológicas de educação musical no contexto da educação básica pública em Cuiabá – Ensino Fundamental e Ensino Médio. **PERSPECTIVAS PARA A PRÁTICA DE ENSINO INSTRUMENTAL NA**

ESCOLA BÁSICA E SUA APLICAÇÃO NA UEB GOMES DE SOUSA, SÃO LUÍS – MA, o autor Daniel Ferreira Santos relatar a implementação de um projeto de iniciação à prática de instrumentos musicais em uma escola da zona rural de São Luís – MA, como forma complementar ao ensino e aprendizagem musical dos alunos das séries finais do ensino fundamental.

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
PESQUISA E PRÁTICA EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UNINDO HUMANIZAÇÃO E IDENTIDADE	
Mariana Barbosa Ament Natália Búrigo Severino	
DOI 10.22533/at.ed.0601904021	
CAPÍTULO 2	8
PRÁTICA E ENSINO EM EDUCAÇÃO MUSICAL: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO ATRELADO À EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E SEU PROCESSO AVALIATIVO	
Natália Búrigo Severino Rômulo Ferreira Dias	
DOI 10.22533/at.ed.0601904022	
CAPÍTULO 3	16
PRÁTICAS MUSICAIS DO COTIDIANO NA INICIAÇÃO CIENTÍFICA: DIÁRIOS DE PESQUISA EM AMBIENTES RELIGIOSOS CRISTÃOS	
Ana Lúcia Louro André Reck	
DOI 10.22533/at.ed.0601904023	
CAPÍTULO 4	27
PROJETO A ESCOLA VAI À ÓPERA: O “OUVIR MÚSICA” DOS ALUNOS DO EDUCANDÁRIO GONÇALVES DE ARAÚJO	
Ana Claudia dos Santos da Silva Reis Maria José Chevitarese de Souza Lima	
DOI 10.22533/at.ed.0601904024	
CAPÍTULO 5	35
QUAIS OS NOSSOS DEVERES EM RELAÇÃO ÀS GERAÇÕES FUTURAS?	
Luís Manuel Cabrita Pais Homem	
DOI 10.22533/at.ed.0601904025	
CAPÍTULO 6	58
REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE ATUAL	
Eliete Vasconcelos Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.0601904026	
CAPÍTULO 7	70
UM ESTUDO SOBRE MOTIVAÇÃO DE CRIANÇAS EM AULAS DE INSTRUMENTOS MUSICAIS SOB A PERSPECTIVA DA TEORIA DO FLUXO	
Célia Regina Vieira de Albuquerque Banzoli Rosane Cardoso de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.0601904027	
CAPÍTULO 8	83
UM MODELO DE SOFTWARE PARA A APRENDIZAGEM À DISTÂNCIA DE EXPRESSIVIDADE MUSICAL IDIOMÁTICA NO JAZZ	
Endre Solti José Fornari	

DOI 10.22533/at.ed.0601904028

CAPÍTULO 9 91

UMA INTERSECÇÃO ENTRE HERMENÊUTICA, PEDAGOGIA, E ÉCFRASE
NOTAS DE PROGRAMA.

[Marcos Krieger](#)

DOI 10.22533/at.ed.0601904029

CAPÍTULO 10 107

VERA JANACOPULOS – A CANTORA E SUA ARTE

[Anne Meyer](#)

DOI 10.22533/at.ed.06019040210

CAPÍTULO 11 125

VILÉM FLUSSER, JAIR RODRIGUES E A MÚSICA COMO METÁFORA

[Marta Castello Branco](#)

DOI 10.22533/at.ed.06019040211

CAPÍTULO 12 140

O PROCESSO DE TRANSCRIÇÃO PARA CANTO E VIOLÃO DA ÁRIA (CANTILENA) DA BACHIANAS
BRASILEIRAS Nº 5 DE HEITOR VILLA-LOBOS, REALIZADO PELO PRÓPRIO COMPOSITOR

[Thiago de Campos Kreutz](#)

DOI 10.22533/at.ed.06019040212

CAPÍTULO 13 158

O RITMO ALÉM DA REGRA E O CONCEITO DE *TIME LINE* EM GRAMANI

[Bianca Thomaz Ribeiro](#)

[Luiz Henrique Fiaminghi](#)

DOI 10.22533/at.ed.06019040213

CAPÍTULO 14 166

O USO DO GNU SOLFEGE COMO ELEMENTO FACILITADOR DA PERCEPÇÃO MUSICAL -UM
OLHAR TECNOLÓGICO APLICADO À EDUCAÇÃO MUSICAL NA ESCOLA PÚBLICA BRASILEIRA-

[Luiz Espindola de Carvalho Junior](#)

DOI 10.22533/at.ed.06019040214

CAPÍTULO 15 176

PERFORMANCE VOCAL: INTERPRETAÇÃO E CORPO EM INTER-RELAÇÃO

[Daniele Briguento](#)

[Flávio Apro](#)

DOI 10.22533/at.ed.06019040215

CAPÍTULO 16 182

PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS PARA O ENSINO DE MÚSICA E SUA APLICABILIDADE NO
CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA BRASILEIRA: UM ESTUDO COM ALUNOS DA REDE PÚBLICA
DE ENSINO EM CUIABÁ

[Vivianne Aparecida Lopes](#)

[Taís Helena Palhares](#)

DOI 10.22533/at.ed.06019040216

CAPÍTULO 17 197

PERSPECTIVAS PARA A PRÁTICA DE ENSINO INSTRUMENTAL NA ESCOLA BÁSICA E SUA APLICAÇÃO NA UEB GOMES DE SOUSA, SÃO LUÍS – MA

[Daniel Ferreira Santos](#)

DOI 10.22533/at.ed.06019040217

SOBRE A ORGANIZADORA..... 204

REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE ATUAL

Eliete Vasconcelos Gonçalves

SME-RJ

Rio de Janeiro - RJ

RESUMO: Esse artigo propõe através de uma análise filosófica dedutiva, compreender o significado da Educação atual a partir da observação da transformação do homem em diferentes momentos da história da humanidade. Analisar a relação que a escola tem com o significado de educação em seu sentido atual e compreender os motivos que levaram ao modo de formação fragmentada que temos vivenciado atualmente em nosso sistema educacional. Dentro dessa proposta, a pesquisa se iniciará a partir do entendimento do significado de Paidéia, uma expressão grega que trazia em seu conteúdo um ideal de viver em sociedade que transcende a ideia de Educação enquanto se relaciona com expressões modernas como civilização, cultura, tradição, literatura ou educação (JAEGER, 1995). E por fim analisar esta relação atual que nossa cultura estabeleceu entre educação e escola. A partir dos modos de viver gregos conforme Jaeger investiga, passando pela concepção de educação Freiriana (FREIRE, 2005), bem como a lógica capitalista de Marx (MARX, 2004), essa pesquisa pretende suscitar indagações a respeito da eficácia da fragmentação de

conteúdos que experimentamos em todos os anos de formação escolar, suas causas e motivos e aclarar as causas que levaram a sociedade atual a considerar alguns conteúdos como dispensáveis ou opcionais em nossa educação atual.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; escola; emancipação.

ABSTRACT: This article proposes, through a deductive philosophical analysis, to understand the meaning of current education from the observation of the transformation of man at different moments in the history of humanity. Analyze the relationship that the school has with the meaning of education in its current sense and understand the reasons that led to the mode of fragmented formation that we have experienced today in our educational system. Within this proposal, the research will start from the understanding of the meaning of Paidéia, a Greek expression that brought in its content an ideal of living in society that transcends the idea of Education as it relates to modern expressions such as civilization, culture, tradition, literature or education (JAEGER, 1995). And finally to analyze this current relationship that our culture established between education and school. From the Greek ways of living, as Jaeger investigates, through Freire's conception of education (Freire, 2005), as well as Marx's

capitalist logic (MARX, 2004), this research intends to raise questions about the effectiveness of the fragmentation of contents that we experience in all the years of school formation, its causes and motives and to clarify the causes that have led the current society to consider some contents as dispensable or optional in our current education.

KEYWORDS: Education; school; emancipation.

1 | INTRODUÇÃO

O ser humano tem propagado sua vida no mundo desde a sua gênese. As espécies também consolidam sua existência através da reprodução natural. Apesar de todas as espécies perpetuarem sua permanência no mundo através da reprodução, apenas a espécie humana conseguiu modificar a sua forma de viver e conservar seus feitos através dos anos.

A busca por descobrir o seu lugar no mundo, em tentar ser um indivíduo melhor em todos os aspectos, em se desenvolver em todas as suas potencialidades, física e espiritualmente, em buscar compreender os mistérios que o cerca, da vida, do ser, do universo, da razão, isso promove um nível de desenvolvimento que transpassa as barreiras individuais, e permite uma evolução daquilo que se considera como sociedade. Um povo que conseguiu alcançar esse ideal de desenvolvimento do indivíduo foi o povo Grego.

A cultura grega também tem suas limitações: os privilégios entre os indivíduos de classe distintas, a escravidão, a subordinação das mulheres. Em contrapartida, também deveríamos considerar nesse meio tempo o nascimento do cristianismo, o surgimento de grandes cidades, as inúmeras descobertas científicas e uma evolução extraordinária dos modos de viver – tudo o que levou os seres humanos a novas descobertas em relação a si próprios e também aos papéis exercidos por homens e mulheres.

Se hoje a sociedade contemporânea segue uma vida organizada e evoluída, pode-se dizer que boa parte disso tem-se graças à concepção de viver em sociedade que os gregos antigos foram capazes de desenvolver.

Eles acreditavam que o ser humano deveria alcançar um modelo de arquétipo,

Arquétipos são formas estruturantes herdadas, comuns a toda espécie humana, resultado do depósito de impressões superpostas deixadas por vivências fundamentais, contendo padrões e comportamentos coletivos, que se manifestam em motivos mitológicos nas mais diversas culturas. São padrões hereditários de comportamento psíquicos, revestidos de qualidades dinâmicas, tais como autonomia e numinosidade. (JUNG, Vol. XVIII/2, § 116, 2011)

e a busca desse arquétipo daria origem às notáveis personalidades que são conhecidas na história da humanidade, como Platão, Sócrates, Leônidas, dentre outros filósofos, guerreiros, homens notáveis que se destacaram por terem mudado o

curso da história com seus feitos e ações. É na construção desse tipo de sujeito, com um elevado nível humano moral que os gregos se empenhavam. Esse era o ideal da cultura e a civilização que eles desenvolveram: a *paidéia* grega.

2 | PAIDÉIA

Paidéia é uma expressão grega que trás em seu conceito a ideia de formação do humano para a vida da polis através do seu desenvolvimento completo, corpo e alma. Assim como em outras palavras derivadas do grego, *paidéia* vai para além de vocábulo e tem toda uma conceituação que nos permite delimitar os momentos iniciais do pensamento educacional grego.

Segundo Jaeger, para se tentar entender o sentido de *paidéia* seria necessário utilizar várias expressões modernas como civilização, cultura, tradição, literatura, educação, todas juntas, visto que cada um desses termos se limita a exprimir um aspecto daquele conceito global (1995). Ou seja, se quisermos compreender o seu significado, teremos que estudar a forma como a cultura grega se desenvolveu, a maneira como eles entendiam a cultura e a educação e a partir do conhecimento desse modelo, dessa forma como eles realizavam a educação e entendiam a cultura humana seria possível compreender um pouco o significado da palavra v

Seria um sistema integral voltado para a formação do ser humano em todos os aspectos que se pode conceber, a formação de um cidadão perfeito. Uma condição que levaria o ser humano a sair dessa condição de cumprir o seu papel fundamental na sociedade, sair de seus fundamentos biológicos até conquistar as mais elevadas esferas espirituais.

3 | EDUCAÇÃO E SEUS SIGNIFICADOS

Etimologicamente a palavra Educar vem do latim *educare*, que por sua vez ligado a *educere* significa “conduzir para fora”, “fazer sair” ou ainda *eduzir*, do latim *eductionis*, que significa a ação de deitar fora, de lançar para fora; prolongamento, trazer à tona o que é inato em cada um, fazer aflorar os valores que são inerentes à condição humana.

Assim, a palavra Educação, em uma concepção tal qual os romanos, (herdeiros culturais da Grécia clássica) compreendiam, tem uma significação mais relacionada ao “trazer de dentro de nos próprios, fazer brilhar algo de nosso próprio interior”.

Em uma concepção mais moderna, vamos compreender educação como algo que diz respeito a trazer de fora algo que antes não possuíamos ou mais se assemelhando com o pensamento grego, troca de saberes onde o educador e o educando constroem conhecimento a partir de algo que já possuem.

Mesmo tendo conceitos que em parte se assemelhem às ideias dos antigos gregos, o sentido de educação na atualidade ainda está bem distante do ideal complexo

de educação a que aquela civilização se referia.

Atualmente poderíamos relacionar o sentido de educação ao conceito de vocação, que vem do latim *vocatione, vocatio* – chamado – o chamado da alma. Quando hoje se analisa o conceito de vocação, evoca-se a ideia de algo que se traz de dentro, algo que já se possui e em algum momento desponta. Diz-se que uma pessoa possui vocação para as letras, para os números, vocação sacerdotal, vocação para as artes, significa que ele já traz em si esse direcionamento de alma.

A educação consiste em algo que envolve todos os aspectos de uma cultura, desde os individuais, a forma de se relacionar com o outro até os aspectos espirituais. Ela vai depender das normas e valores daquela sociedade, assemelhando-se assim ao conceito de *paidéia* quando traz o sentido de que não existe educação ou o verdadeiro ensinamento se não houver valores humanos. E é nesse estabelecimento de valores sólidos ou até certo ponto imutáveis e atemporais que uma verdadeira educação se torna possível.

Considerando tudo que se fala sobre educação hoje, algumas questões, dentre as mais importantes residem no fato de que não há um único modelo de educação, a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é sua única prática e o professor profissional não é seu único praticante (BRANDÃO, 2007).

A Educação está relacionada aos modos de viver e lidar com o outro, cultivar valores, padrões e perceber em seus modos de conduta como estão amparados seus conceitos de moral e ética. Por isso seu significado é dinâmico, ele não está preso a um único conceito, mas está aberto ao tempo, meio e grupo social ao qual se relaciona.

Os modos de pensar e viver de uma sociedade estão diretamente relacionados aos seus modos de trabalhar e se sustentar. Dentro desta perspectiva, a educação passa por um dilema que por vezes a reduz à serventia de um propósito qualquer e que se contrapõe ao seu pleno significado.

4 | O HUMANO E A ESCOLA

Desde que foi transferida da família a tarefa de educar seus filhos, frente às necessidades das diferentes épocas, a figura do professor tem se consolidado enquanto detentor do saber.

Desde o antigo Egito, a função de escriba era preservada a partir da constituição das escolas reais, passando pelos retores na Grécia antiga e no período medieval, consolidado pelo controle das instituições religiosas cristãs na figura dos eclesiásticos ou *scholasticus* (latim), de onde se originou o nome escolástica dado à doutrina da prática de ensino. Até se chegar a uma discussão sobre se de fato a caracterização do trabalho docente se constitui como profissão, pela Sociologia do Trabalho, em 1961, a prática da educação tem se institucionalizado.

De igual modo, o local utilizado para se ensinar tem se transformado. Espaços

improvisados da própria casa ou espaços ao ar livre para discussão deram lugar a espaços isolados, consolidando assim a instituição escolar. A escola como instituição disciplinar se consolida na passagem do século XVIII para o XIX, com o iluminismo e a racionalidade. Quando Foucault (1987) analisa as diversas instituições sociais, a escola é analisada como um espaço onde o poder normalizador e disciplinador tem o efeito de moldar o comportamento, atitudes e discursos do indivíduo, produzindo seres dóceis e submissos às estratégias do poder.

A escola que temos hoje é produto de uma construção histórica e, portanto, só faz sentido dentro de sua historicidade. Entender como se estabeleceu o seu modelo se faz necessário para se poder pensar em novos caminhos ou ainda regressar a caminhos já percorridos (primitivos), considerando que, como nova proposta, o primitivo possa surgir como uma reconstrução de algo que foi quebrado e repartido, e que voltar às origens, ao original, possa ser um caminho novo para esse modelo retrógrado.

A partir de meados do século XIX, a constituição da escola sofreu uma grande transição.

No período clássico ou *episteme* clássica, assim por ele definida, compreendendo os séculos XVII a XVIII, desenvolveram-se nas sociedades ocidentais novos mecanismos de poder, fundamentados na disciplina dos corpos e no controle das populações. Associa-se ao surgimento das ciências do homem e da vida na *episteme* moderna – século XIX a XX – o desenvolvimento desses mecanismos. A constituição de novos campos de saber relacionados ao homem e à vida é um processo simultâneo à constituição de um novo tipo de poder, cujo objetivo é a produção de corpos dóceis e úteis, o poder disciplinar.

Esse poder não pode ser centrado no Estado; ele encontra-se espalhado em todas as dimensões sociais. Desde a relação homem-mulher às relações escolares, religiosas ou de saúde.

É uma relação que se estabelece de baixo e consiste em uma multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização (FOUCAULT, 2003). Enquanto se forma e atua em todos os setores da sociedade, forma uma linha de força que a atravessa articulando e integrando os diferentes focos de poder (estado, escola, prisão, hospital, asilo, família, fábrica, vila operária).

Seja, por exemplo, uma instituição escolar: sua organização espacial, o regulamento meticuloso que rege sua vida interior, as diferentes atividades aí organizadas, os diversos personagens que aí vivem e se encontram, cada um com uma função, um lugar, um rosto bem definido – tudo isto constitui um “bloco” de capacidade-comunicação- poder. A atividade que assegura o aprendizado e a aquisição de aptidões ou de tipos de comportamento aí se desenvolve através de todo um conjunto de comunicações reguladas (lições, questões e respostas, ordens, exortações, signos codificados de obediência, marcas diferenciais do “valor” de cada um e dos níveis de saber) e através de toda uma série de procedimentos de poder (enclausuramento, vigilância, recompensa e punição, hierarquia piramidal) (FOUCAULT, 2004b, p. 241).

O controle acontece de maneira sutil e velada, deixando a impressão de inexistência.

A sociedade disciplinar deu lugar ao nascimento dos saberes (os das chamadas ciências humanas) e de poderes em que a sujeição não é vista como uma repressão. Através do uso de dispositivos: “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais e filantrópicas” (FOULCAULT, 1979, p.244), coloca-se em ação o poder; no entanto, a repressão acontece de maneira sutil, como um adestramento, o que dispensa o uso da violência na maioria de suas ações, garantindo a sua eficiência. O disciplinamento dos corpos passa a ser o objetivo maior. A sujeição se estabelece como uma produção positiva de comportamento, que define se o indivíduo está ou não dentro de um padrão de normalidade. Esse modelo prioritário da verdade se configura a partir do “exame”. Nessa lógica, o indivíduo se empenha por alcançar bom êxito quando “examinado” para exibir suas capacidades e alcançar o “prêmio”: estar dentro da normalidade.

A utilização de métodos que permitem um controle do corpo do cidadão se caracteriza a partir da instituição disciplinar. Um controle minucioso através de exercícios de domínio do tempo, espaço, movimento, gestos e atitudes se dá com um único objetivo: produzir corpos submissos, exercitados, dóceis e estabelecer uma relação de docilidade e utilidade. Na sociedade moderna, esse controle disciplinar se desenvolveu baseado no modelo da ascese, inspirado nos mosteiros, e se configurou através da disciplinarização da juventude estudantil.

Como primeiro princípio para uma execução eficiente, a escolha do local onde se realizará o controle se vê indispensável: “A disciplina às vezes exige a cerca” (FOUCAULT, 1987, p.122). Delimita-se assim como dispositivo disciplinar, um local fechado para suas práticas. Tem-se então na escola esse padrão, onde o internato, originário do modelo dos conventos, se define como ideal educativo.

Na escola, o controle disciplinar se dá nas mais diversas instâncias. Através da elaboração de estratégias de poder sobre a conduta dos alunos, surgem campos de conhecimento inéditos.

Essa escola, enquanto modelo disciplinador, está presente mesmo na execução das tarefas mais elementares.

5 | A DISCIPLINA NO CURRÍCULO ESCOLAR

A construção da *episteme* moderna através do poder disciplinador mudou a maneira como o indivíduo lidou com os conhecimentos.

Juntamente com a consolidação de uma nova maneira de se lidar com os saberes, o termo “disciplina” escolar passou a assumir uma significância que confirma essas mudanças. No seu uso escolar, o termo assume, tal qual seus sinônimos “matéria” ou

“conteúdo”, o sentido atual apenas no final do século XIX. Até então, designava não mais que a vigilância, repressão das condutas prejudiciais à boa ordem e aquela parte da educação dos alunos que contribui para isso (CHERVEL, 1990).

É na corrente de pensamento pedagógico da segunda metade do século XIX que a acepção da palavra é trazida – tal qual na atualidade – como um termo genérico que designa os variados saberes e suas novas tendências de ensino. Antes, enquanto remetia ao verbo “disciplinar”, era designada como sinônimo de ginástica intelectual, como um desenvolvimento do julgamento, da razão, da faculdade de combinação e de invenção, uma “matéria de ensino suscetível de servir de exercício mental” (CHERVEL, 1990, p.179). Foi após a Primeira Guerra Mundial que o termo perdeu a força que o caracterizava e torna-se uma pura e simples rubrica que classifica as matérias de ensino, fora de qualquer referência às exigências da formação do espírito (CHERVEL, 1990).

Integrante do currículo escolar, o termo usado acaba por servir para generalizar os saberes, reduzindo sua constituição a conteúdos limitados, pontuais e que não exprimem nada além da síntese à qual foram confinados, em uma economia que o transforma funcionalmente na eficácia da classe escolar, deixando-o alheio à sua complexidade e a toda realidade cultural exterior à escola. Adicionado ao seu significado, a disciplina também se constitui na atualidade um modo de se disciplinar o espírito, enquanto oferece os métodos e regras para abordar os diferentes domínios do pensamento, do conhecimento e da arte.

Da mesma forma, o currículo escolar, antes de contribuir para a formação do indivíduo, é fabricado para produzir efeito sobre ele. Dessa forma, o currículo se constitui a partir de conhecimentos considerados socialmente válidos para determinada sociedade. Isso também indica que o currículo se modificará de acordo com as necessidades de tempo e espaço. Conforme afirma Silva: “... É preciso reconhecer que a inclusão ou exclusão no currículo tem conexões com a inclusão ou exclusão na sociedade” (1998, p.10).

A constituição dos saberes também se transmuta. Atendendo à necessidade da impessoalidade das normas, seu conteúdo se limita a expor uma estruturação disciplinar interna constituída de saberes escriturais formalizados, objetivados e delimitados, constituídos de uma autonomia completa entre si, codificados tanto sobre o que é ensinado quanto à maneira de ensinar. O conteúdo passa a ser relacionado à escrita; logo, o acesso a qualquer tipo de saber escolar é franqueado ao domínio da escrita.

Essa “nova” configuração de escola acaba por expulsar o elemento espontâneo do saber, em uma desnaturalização das disciplinas escolares. Os elementos são relativizados, deixando de lado sua riqueza e pluralidade.

Os saberes têm em sua essência o seu entusiasmo. A disciplinarização dos conhecimentos tem em sua constituição o aniquilamento daquilo que evoca a sua paixão. A uniformidade em reproduzir, destituída do experienciar, marca a escola com

uma educação fria e teatral, no sentido de representar o conhecimento através de uma máscara. O que de fato é vivenciado é algo dissimulado, fictício, ilusório, e esse saber aparente acaba por se fazer autêntico em um ambiente fabricado.

Fabrica-se falsamente a instituição, elabora-se um sistema, produz-se o conteúdo e, por fim, valida-se a estrutura.

Descaracterizar parece ser a premissa para se legalizar aquilo que se tem por meta.

Se a escola consegue manipular todo um sistema e torná-lo válido, que diríamos sobre os conteúdos nela reproduzidos ou realizados? Para se fazer válido nesse sistema, torna-se necessário submeter-se às suas condições, ou não seria esse sistema um validador do ensino e do ensinar domesticador?

O currículo é o dispositivo pelo qual se validam os saberes. Aquilo que integra o currículo se faz verdadeiro; aquilo que ele exclui se torna desnecessário. Por isso na escola se torna tão importante a presença da disciplina no currículo. A normatização do seu conteúdo se configura como um saber válido, importante, útil.

6 | A LÓGICA CAPITALISTA E A EDUCAÇÃO

Aliado às mudanças ocorridas na escola, o sistema capitalista em que vivemos transformou a educação em uma espécie de mercadoria. Enquanto se precisa educar o indivíduo, também é necessário produzir o trabalhador, dessa forma educa-se o indivíduo para o trabalho.

Nessa lógica o trabalhador é moldado a querer cada vez mais, no sentido de que o indivíduo sinta de fato uma relação entre a sua atividade profissional e a utilização de suas capacidades. Fica assim diretamente relacionada ao ganho de capital a sua prosperidade, sua felicidade. Também são excluídos o sentimento e a paixão pelo que se faz, o que se deve ter em primazia é a busca pelo dinheiro, ainda que não haja desejo pelo que se faz, a sua riqueza ou a busca por ela é mais importante que todo o resto, ela pode comprar seu lazer, sua satisfação, seu descanso.

Da mesma forma que o trabalho se torna uma mecanização de ações o mesmo acontece com o estudo, pois é através dele que o indivíduo aprende a exercer aquilo que será seu “ganha pão”. São estabelecidos os mesmos esquemas das fábricas, o indivíduo aprende a função e a executa, automaticamente, maquinalmente.

Para se formar em alguma carreira, as faculdades/instituições determinam o número de anos que serão necessários para concluir aquela profissão, sejam dois, três, quatro, cinco ou até seis anos de graduação e tantos outros em especializações e complementações. Um estudante de medicina, por exemplo, talvez passe 12 anos de sua vida se preparando para exercer sua profissão de maneira competente.

Não só na carreira da medicina, como em tantas outras, ritualizam-se os processos transformando suas realizações em simples produtos.

Para se produzir trabalhadores na mesma velocidade em que se concebe

a industrialização é necessário criar espaços que desempenhem esse papel de maneira eficaz, assim a educação profissionalizante, voltada para formar mão de obra especializada em larga escala e em menor tempo tem seu crescimento acelerado e legitimado, não só por se apresentar como uma proposta inovadora de ensino, mas como um privilégio para alcançar o êxito na profissão em um curto espaço de tempo.

Dessa forma o ensino tecnológico pretende atender a parcela mais “desafortunada” da população, promovendo a inclusão social e a formação da mão de obra qualificada. No entanto, esse saber cada vez mais especializado priva o indivíduo de desenvolver suas capacidades mentais de maneira global. Enquanto o conhecimento é transmitido de maneira recortada e oferecido em partes, limita-se o desenvolvimento e aprendizado integral.

Quando a mente é empregada numa diversidade de assuntos, ela é de certa forma ampliada e aumentada, devido a isso geralmente se reconhece que um artista do campo tem uma variedade de pensamentos bastante superior a de um cidadão. Aquele talvez seja simultaneamente um carpinteiro e um marceneiro, e sua atenção certamente deve estar voltada para vários objetos, de diferentes tipos. Este trabalho ocupa todos os seus pensamentos, e como ele não teve a oportunidade de comparar vários objetos sua visão jamais será tão ampla como a do artista. Deverá ser esse o caso sobretudo quando toda a atenção de uma pessoa é dedicada a uma dentre dezessete partes de um alfinete ou a uma dentre oitenta partes de um botão, de tão dividida que está a fabricação de tais produtos (SMITH, 1763, p. 318-21, apud MÉSZÁROS, 2008, p.28-29).

Conjuntamente com o ensino especialista e com o ganho imediato e necessário de dinheiro, o indivíduo recebe a incumbência de guardá-lo, como se guardar fosse sinônimo de prosperidade, felicidade, o alcance das glórias por todo seu esforço, a tão sonhada prosperidade.

Suas necessidades básicas são transformadas num sentido único da busca pelo dinheiro, ele é de igual modo ajustado a entender que sua riqueza está no seu capital e que para viver, sentir-se vivo é preciso acumular. Dessa forma afirma-se que além das necessidades do trabalhador da manutenção da miserável vida física e de suas atividades, todo o mais é luxo. E todo luxo é visto como reprovável e dispensável, assim, a ciência da riqueza é vista também como ciência da renúncia, da privação, da poupança. “Quanto menos se comprar livros, ir ao teatro, ir ao bar, comer, beber, se divertir, mais economizará e maior será a sua riqueza” (MARX, 2004, p.141).

7 | CONCLUSÃO

Pensar sobre os caminhos que a escola trilhou para se constituir no formato atual, nos leva a pensar em que tipo de humano ela tem formado. Um humano livre, pensante, emancipado ou submisso e incapaz de perceber sua incapacidade?

Assim, sugerimos pensar um caminho contrário ao que a escola tem trilhado e encontramos êxito nos pensamentos de Freire.

Os caminhos trilhados pela educação no decorrer dos séculos, em sucessivos

recortes, fragmentações e reconfigurações, encontram em Freire uma proposta reversa, um caminho contrário que busca um humano consciente e formado em todas as suas capacidades, emancipado.

Freire propõe um sujeito que se liberte dos condicionamentos sociais, seja autônomo, que saiba exprimir juízos. Para formar esse sujeito, é necessário não só a sua própria reflexão, seu próprio entendimento, mas será preciso devolver a esse humano suas características que lhe são fundamentais, a humanidade. Nesse sentido, Freire se aproxima do ideal de educação da *paidéia*, quanto expressa que, para formar esse humano emancipado, a racionalidade não basta, é necessário resgatar a humanidade, e isso só acontece através do desenvolvimento de todas as capacidades do indivíduo; isso inclui a razão, mas também a emoção.

Dessa maneira, esse tipo de educação se re-faz constantemente na sua práxis. Para Ser, tem que estar sendo, se construindo, se re-construindo (FREIRE, 2005).

A essência do humano está em uma constante construção, em um constante processo de se Ser e de se fazer. Ele é o que ele faz de si; ele é o que se projeta para Ser, e impedir ou interferir de forma a contrariar essa essência impulsiva do humano é injusto.

Pensar em um humano consciente de seu lugar social, reflexivo e atuante é uma proposta que permite reestruturar todos os caminhos que a educação trilhou. Antes disso, permite refazer, refletir, questionar e humanizar.

Assim, necessita-se dessa teoria humanista que vem contestar as relações entre as pessoas, seguindo esse papel de subordinação, estruturado por uma sociedade opressora que se delineou. Um estado de luta através do esclarecimento, da conscientização, da utilização/aplicação do conhecimento para uma libertação.

Pensar essa educação que contraria as normalidades impostas pela escola disciplinadora é pensar em um caminho de transformação, de ir contra, de caos, de incertezas, mas de mudanças, de reflexões, de tentativas, de erros e acertos, tal qual Gallo propôs:

Precisamos ter a coragem de rasgar o falso céu deste mundo artificial e mergulhar no caos, por mais estranho, feio e assustador que ele possa parecer. Fazer a experiência do estranhamento, do perder-se de si mesmo, do mergulho na multiplicidade, longe de hierarquias, certezas, controles; abrir-se para as delícias do desconhecido, ter a coragem de ousar. Três potências nos ajudam nessa aventura: as artes, as ciências e as filosofias. Porque as três, cada uma a sua maneira, vencem a opinião e mergulham no caos, trazendo do contato com ele novas possibilidades (2007, p.10).

Uma pedagogia que vai além da simples normatização, das simples sugestões que nos são oferecidas como propostas de se mudar o mundo e resolver os problemas da sociedade, do currículo novo, do novo modelo de escola, das novas atitudes propostas pela escola velha, que, na verdade, apenas mascaram um velho jeito de ensinar com novas nomenclaturas. Uma pedagogia que transforma de dentro, que refaz o olhar que se tem sobre si mesmo e sobre o outro, que não só se afasta do

individualismo, mas reflete sobre ele.

Nessa reflexão entre o aprender e o ensinar, Freire nos permite reconfigurar a compreensão da essência do ensino, retornando ao sentido mais primordial da educação: foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. [...] “Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender” (FREIRE, 2010, p. 23-24). “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 2010, p. 22).

Freire nos sugere pensar uma pedagogia que busca a construção de um sujeito autônomo que pensa certo, não só logicamente, mas eticamente. Uma autonomia que também se relaciona a pensar um sujeito ciente de sua posição social, não egocêntrica, mas que, entendedor do seu papel, possa saber se relacionar com o outro de forma a configurar espaços equilibrados de relacionamento.

Ademais, é reconhecer a finitude humana, no seu condicionamento e inacabamento para se pensar uma educação formadora tanto no âmbito do conhecimento quanto da ética. Considerar que estamos continuamente em uma construção histórica, que somos um projeto em constante transformação e, por assim dizer, inacabado, reforça essa não conformação com determinado condicionamento histórico.

Onde há vida, há inacabamento. Mas só entre mulheres e homens o inacabamento se tornou consciente. A invenção da existência a partir dos materiais que a vida oferecia levou homens e mulheres a promover o suporte em que os outros animais continuam, em mundo. Seu mundo, mundo dos homens e das mulheres. A experiência humana no mundo muda de qualidade com relação à vida animal no suporte (FREIRE, 2010, p. 50).

A capacidade moral e cognitiva do humano demonstra seu inacabamento. Conhecendo, decidindo e se interpondo, ele constrói seu mundo na história. Dentro desse seu atributo de se autoconstruir e construir-se historicamente, ele enfrenta-se com os próprios condicionamentos históricos que se encontra. É esse desejo de Ser mais que exige a superação daquilo que se é.

Essa proposta de educação que não se atém às pedagogias teóricas e estáticas, mas que lida com um conceito mais amplo que formação do indivíduo e que mais se relaciona com os conceitos gregos de *paidéia*, parte da conscientização de um ser que toma consciência do seu inacabamento e, assim, tem, através dela, a sua principal função, que é formar-se. Portanto, uma educação que lida com um indivíduo completo, complexo e livre é uma proposta de educação que está além de nosso tempo, além de uma sociedade marcada pela opressão das classes dominantes e capitalistas.

A emancipação humana é um conceito que atravessa as gerações, suscitada por diversos filósofos para nomear essa atitude de liberdade que prende alguns. Sim, prende alguns, mas não todos, e os que não se permitem prender se imbricam nessa missão de desatar os demais.

O processo é difícil, árduo e precisa ser contínuo, e importa que a cada dia mais seres tornem a compreender a sua capacidade de humanos através do real sentido

de educação.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *In: Teoria e Educação*, n2, p177-229, 1990.

FREIRE. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 41ª reimpressão. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FOUCAULT, Michel. **História de Sexualidade I**: a vontade de saber. Trad. Maria Theresa da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

_____. **Microfísica do Poder**. Trad. Roberto Machado. 19. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2004b.

_____. Os Intelectuais e o poder. *In: Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. 19. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979. p. 69-78.

_____. **Vigiar e punir: o nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987.

GALLO, Silvio. Currículo (Entre) imagens e saberes. *In: Congresso Internacional de Educação*, 5., 2007, São Leopoldo. Paineis. São Leopoldo: UNISSINOS, 2007. Texto digitado. Disponível em: <<http://www.grupodec.net.br/ebooks/GalloEntrelmagenseSaberes.pdf>> Acesso em: 18/10/2017.

JAEGER, Werner. **Paidéia: a formação do homem grego**. São Paulo: Martins fontes: 1995.

JUNG, Carl Gustav. Vol 18. **Vida Simbólica**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. Boitempo editorial, 2004.

MÉSZÁROS, ISTVÁN. **A Educação para além do capital**. 2ª. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

SILVA, T. T. Apresentação. *In: GOODSON, I. Currículo: Teoria e História*. Petrópolis: Vozes, 1998.

SOBRE A ORGANIZADORA

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO: Mestre em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos(IFSP/Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/5670805010201977>

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-106-0

